REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA
VOLUME 20 (2023) PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.

https://doi.org/10.5935/2238-1279.20230023

Brincadeiras do Cariri cearense: uma análise a partir da perspectiva histórico-cultural

Children's games from Cariri, Ceará: an analysis from the historical-cultural perspective

Juegos del Cariri cearense: análisis desde una perspectiva histórico-cultural.

Rodrigo Gonçalves Duarte
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
rodrigogduarte600@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-7332-1193

Leonardo Felipe Gonçalves Duarte
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
leonardofelipe900@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4161-3009

Ida Carneiro Martins
Universidade Cidade de São Paulo
tita.carneiromartins@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7140-1598

Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz
Universidade Cidade de São Paulo
carminhameirelles@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4375-5270

RESUMO

O estudo tem por objetivo apresentar e analisar as brincadeiras da região do Cariri cearense sob a perspectiva histórico-cultural, bem como destacar a relevância do brincar para o processo de constituição cultural desse grupo social. O trabalho se baseou nos estudos de Vigotski (2008) e de Elkonin (2009; 2012). Para tal se empreendeu uma investigação qualitativa, de natureza exploratória, no qual se utilizou a catalogação de brincadeiras do Cariri feita por Nunes (2018). O trato com o material se deu por meio da análise interpretativa que consistiu em inter-relacionar os dados obtidos com os princípios teóricos dos autores escolhidos. Ao final do trabalho considerou-se que as brincadeiras são um importante meio de transmissão cultural e tal aspecto não é distinto nas brincadeiras do Cariri. Ainda mais, ficou caracterizado que os modos próprios da cultura local se fizeram mais presente nas brincadeiras de representação explícita, dos que nos jogos de regras que apresentaram características mais gerais.

Palavras-chave: Brincadeiras. Cariri. Histórico-Cultural.

ABSTRACT

The study aims to present and analyze the games of the Cariri region of Ceará from a cultural-historical perspective, as well as highlight the relevance of playing in the process of cultural constitution of this social group. The work was based on the studies of Vygotsky (2008) and Elkonin (2009; 2012). To this end, qualitative research of exploratory nature was undertaken, in which the cataloging of games from Cariri by Nunes (2018) was used. The material was treated through interpretative analysis, which consisted in interrelating the data obtained with the theoretical principles of the chosen authors. At the end of the work it was considered that games are an important means of cultural transmission and this aspect is not distinct in the games of Cariri. Even more, it was characterized that the modes of local culture were more present in the explicit representation games than in the rule games, which presented more general characteristics.

***Keywords**: Games. Cariri. Historical-Cultural.*

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo presentar y analizar los juegos en la región de Cariri cearense desde una perspectiva histórico-cultural, así como destacar la relevancia del juego para el proceso de constitución cultural de este grupo social. El trabajo se basó en los estudios de Vygotsky (2008) y Elkonin (2009; 2012). Para ello, se realizó una investigación cualitativa de carácter exploratorio, en la que se utilizó la catalogación de juegos de Cariri de Nunes (2018). El tratamiento con el material se dio a través del análisis interpretativo que consistió en interrelacionar los datos obtenidos con los principios teóricos de los autores elegidos. Al final del trabajo se consideró que los juegos son un importante medio de transmisión cultural y tal aspecto no es distinto en los juegos de Cariri. Aún más, se caracterizó que las formas de la cultura local estaban más presentes en los juegos de representación explícita, que en los juegos de reglas que presentaban características más generales.

***Palabras clave**: Juegos. Cariri. Histórico-cultural.*

Introdução

A perspectiva histórico-cultural entende que o sujeito se constitui por meio das relações e a partir dos modos de agir do grupo social do qual ele faz parte, os quais ele internaliza e atribui significados, daí que se pode afirmar que o processo de constituição e desenvolvimento humano é de natureza social (SMOLKA, 2000).

A criança, ao nascer, ingressa em determinada cultura e suas relações são mediadas pelos gestos e linguagem daqueles que dela cuidam e, por meio de tal interação é que se organizam os processos de inserção em seu grupo social, condição relevante ao desenvolvimento de suas melhores qualidades humanas (MELLO, 2007).

Sendo assim, o brincar, que é uma das práticas sociais que compõem o universo cultural dos diferentes grupos, não pode ser entendido como algo natural

e inerente à vida da criança, mas sim como um processo histórico-cultural que depende das interações entre sujeitos e das condições que se propicia para que ele aconteça (VIGOTSKI, 2008).

O que motivou o desenvolvimento do presente trabalho foi não se encontrar nas duas das principais bases de pesquisas para a Educação, ou seja, o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – Capes e a *Scientific Electronic Library Online* – *Scielo*, nenhum trabalho que versasse sobre a temática. Para a busca se utilizou de dois descritores "brincadeira" e "Cariri" o que resultou em nenhum trabalho que tratasse, efetivamente, das brincadeiras do Cariri.

Daí o interesse em estudar tais brincadeiras, pois elas expressam a cultura de um determinado grupo social e de uma região específica, ou seja, trazem enquanto características a sua tradição cultural, atentando para o fato que as brincadeiras são constituidoras da expressão histórico-cultural de uma determinada comunidade (PINO, 2005).

Observando-se tais apontamentos é que surgiram as questões que nortearam a investigação, ou seja: quais são as características das brincadeiras do Cariri em relação aos modos de se brincar? Quais aspectos histórico-culturais elas apresentam?

Sendo assim, o objetivo do estudo é apresentar e analisar as brincadeiras da região do Cariri cearense sob a perspectiva histórico-cultural, bem como destacar a relevância do brincar para o processo de constituição cultural desse grupo social.

Para tal se empreendeu uma investigação qualitativa, de natureza exploratória que, segundo Gil (2021, p. 26), tem como objetivo "proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato" e que é "realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado". Esse tipo de pesquisa permite a melhor compreensão do objeto de estudo, o aprimoramento de ideias, a descoberta de novas intuições que tragam a possibilidade de identificar algo que seja interessante na análise destas manifestações lúdicas.

O material utilizado para as análises foi o livro digital escrito por Nunes (2018), denominado "Quintais do Cariri: pequeno registro do brincar", no qual a

autora relata brincadeiras do Cariri obtidas durante uma viagem que fez pela região. Ressalta-se que esse foi o único material encontrado com um inventário das brincadeiras típicas do Cariri. Por se tratar de um inventário denso das brincadeiras locais é que optamos pela sua utilização.

O trato com o material se deu por meio da análise interpretativa de Minayo (2012), que consiste em interrelacionar os dados da investigação com os princípios da teoria que dão subsídio ao trabalho. A autora compreende o processo de pesquisa como algo contínuo e inacabado, pois contribui ao aperfeiçoamento dos dados e, efetivamente, ao campo pesquisado.

A teoria escolhida foi a abordagem histórico-cultural sobre o brincar, ou seja, os estudos de Vigotski (2008), Elkonin (2009; 2012) e de outros autores da mesma linha teórica. Tal escolha se deu, pois para a essa perspectiva o sujeito é constituído por meio de suas relações sociais, pelas quais estabelece os significados para o que vivencia, é nesse processo interativo que se dá a apropriação cultural (PINO, 2005).

Na infância, a atividade principal pela qual a criança estabelece as relações com os outros e com o meio é a brincadeira (ELKONIN, 2008). É por meio dela que a criança se apropria dos modos de agir de seu grupo social e a eles dá significado, daí a relevância de se compreender os modos de brincar no Cariri.

A brincadeira na perspectiva histórico-cultural

Conforme ressalta Elkonin (2009), as sociedades da antiguidade, à medida que evoluíam, se adequavam à realidade que surgia. Assim, em tal época, logo que as crianças cresciam um pouco, eram colocadas em atividades de trabalho juntamente com seus pais, assim não se estabelecia tempo próprio para o brincar.

Foi a partir da melhoria dos modos de trabalho como a caça, plantio e o desenvolvimento da pesca que as atividades começaram a ser diferenciadas para meninas e meninos, os quais passaram a exercer funções diferentes em seu grupo social.

Os brinquedos e brincadeiras eram utilizados para que as crianças aprendessem futuros ofícios, como exemplo: as meninas utilizavam as bonecas para aprenderem a ser mães e para os cuidados do lar; os meninos tinham as ferramentas

em tamanho menor para aprenderem os ofícios da defesa e executarem a caça. Aos poucos as crianças aprendiam os modos de utilizar os objetos por meio das brincadeiras (ELKONIN, 2009). Os brinquedos dão o suporte para a brincadeira, "é um objeto que proporciona o desenvolvimento psicológico e cultural evidenciados na infância" (TEIXEIRA, 2021, p. 252).

Observa-se durante o desenvolvimento histórico da sociedade que as práticas sociais se modificaram, o que não foi diferente em relação à infância: a criação desta etapa de vida trouxe, enquanto atividade fundamental, o brincar (MARTINS, 2009).

Wajskop (1995) também aponta que a valorização do brincar está associada à nova imagem da criança construída a partir do século XVI e XVII, a brincadeira passa a ser vista como parte da infância. Para a autora, é uma forma que possibilita aprendizados e, também, pode ser um "espaço privilegiado onde tem início a formação de processos de imaginação ativa e onde elas se apropriam das funções e normas comportamentais" (WAJSKOP, 1995, p. 67).

A brincadeira, segundo a perspectiva histórico-cultural, é um processo estritamente social, que se desenvolve por meio da mediação do outro, uma criança mais experiente ou um adulto, e a base desse processo é, justamente, a realidade na qual a criança está inserida (ELKONIN, 2009; MARTINS, 2009).

> Assim, o que nos parece caracterizar o brincar é considerá-lo, apoiando-nos na teoria histórico-cultural, enquanto um processo social, pois desde muito cedo, pela mediação do adulto ou de outras crianças mais velhas somos envolvidos nesta ação. A base do jogo é justamente a realidade em que vive a criança, pois nasce das condições em que ela vive (MARTINS, 2009, p. 35).

Daí a relevância de se estudar o brincar no contexto de determinado grupo social, assim como se propõe neste trabalho, pois as brincadeiras de cada região possuem características singulares, próprias de cada grupo cultural, e as brincadeiras contribuem para o processo de constituição social do sujeito e da cultura do grupo do qual ele faz parte.

> Se [...] por cultura for entendido o conjunto das produções humanas, as quais, por definição, são portadoras de significação, ou seja, daquilo que o homem sabe e pode dizer a respeito delas, então o nascimento cultural da criança (ou seja, de cada indivíduo humano em particular) é a porta de acesso dela ao universo das significações humanas, cuja

> apropriação é a condição da sua constituição como um ser cultural (PINO, 2005, p. 59).

Tendo em vista que a cultura é um processo de criação humana, tradicionalmente passado de geração em geração, por meio de diferentes modos de interações entre seus membros, as brincadeiras também fazem parte desse processo, sendo produtos dessas relações, ressignificadas pelas crianças, ou seja, parte do processo de constituição de um grupo social advém das ações do brincar.

Fernandes (2004), ao estudar brincadeiras tradicionais do município de São Paulo, na década de 1940, apresenta a sua importância na promoção do contato da criança com seu grupo social, permitindo, a partir do brincar, a socialização, a cooperação, a disciplina, o aprendizado da tolerância e da convivência coletiva. É um contato com atitudes, comportamentos e valores que influenciam o desenvolvimento da criança.

> O desejo comum de brincar, o contínuo trato com as mesmas crianças, a preferência por certos tipos de jogos, sua livre escolha, a liberdade de que goza nesses momentos e o interesse que lhe desperta o brinquedo em bando conduzem a criança à formação das primeiras amizades, dando-lhes a noção de posição social (FERNANDES, 2004, p. 378).

As vivências lúdicas são relevantes no processo de desenvolvimento infantil, pois é das relações sociais que a criança retira o conteúdo para o aquilo que representa no jogo de faz de conta, ou seja, internaliza aquilo que vivencia e por meio da brincadeira ela expressa os significados que atribuiu ao que internalizou, num eterno processo de ir e vir.

Tal processo se dá em dois planos, primeiro no interpsicológico, na relação entre pessoas e, depois, no plano intrapsicológico, ou seja, num processo interno e individual.

> De fato, podemos identificar *internalização* como um construto teórico central no âmbito da perspectiva histórico-cultural, que se refere ao processo de desenvolvimento e aprendizagem humana como *incorporação* da cultura, como *domínio* dos modos culturais de agir, pensar, de se relacionar com outros, consigo mesmo, e que aparece como contrário a uma perspectiva naturalista ou inatista (SMOLKA, 2000, p. 27-28).

Sendo assim, pelo brincar a criança apreende o mundo que a cerca, se apropria dele e por meio desse processo ela aprende, ao mesmo tempo se

desenvolve. A ação do brincar é efetiva na vida da criança, pois por meio dessa ação ela interage socialmente e desenvolve suas qualidades cognitivas, afetivas, motoras, tem a possibilidade de resolver conflitos com seus pares, constituindo a sua forma de ser. Considerando a perspectiva histórico-cultural, pode-se afirmar que a presença do outro é fundamental para que a aprendizagem possa acontecer (VIGOTSKI, 2008).

Pelas características que o brincar possui, ele é considerado um processo promissor ao desenvolvimento e, além do mais, por meio de tal prática social se vivencia processos lúdicos e prazerosos. Todavia, o prazer não pode ser visto como uma característica que define o brincar, pois também traz momentos em que o desprazer se faz presente, quando não há interesse pela brincadeira que se desenvolve, quando lhe atribuem papéis que não gostam de representar ou, ainda, quando o resultado do jogo é desfavorável (VIGOTSKI, 2008).

> Somente nas teorias que analisam a criança, não como um ser que satisfaz as principais exigências da vida, mas como um ser que vive à procura de prazeres, em busca da satisfação desses prazeres, pode surgir a ideia de que o mundo da criança é um mundo de brincadeira (VIGOTSKI, 2008, p.34).

A brincadeira é, na verdade, um processo de representação da realidade, que se estabelece a partir do jogo de faz de conta. Antes disso, quando a criança é bem pequena, ela tem a necessidade de satisfazer as suas necessidades e os brinquedos são oferecidos a ela com este fim. Ao manipular os objetos, a criança não diferencia aquilo que percebe visualmente do significado dado ao objeto.

Quando as crianças crescem um pouco mais, aproximando-se da idade pré-escolar, passam a compreender melhor os modos de agir social, mas ainda têm a necessidade da satisfação imediata de suas necessidades, o que nem sempre é possível, então, para resolver tal questão, brincam de faz de conta. As ações, agora, passam a ser regidas pelas ideias e os objetos perdem o domínio na ação, passam a significar aquilo que é representado, passando a se tornar aquilo o que a criança imagina e que seja visualmente parecido (ELKONIN, 2009; VIGOTSKI, 2008).

> Na brincadeira da idade pré-escolar temos, pela primeira vez, a divergência entre o campo semântico e o ótico. Parece-me ser possível repetir o raciocínio de um pesquisador que diz que, na brincadeira, a ideia separa-se do objeto e a ação desencadeia-se da ideia e não do objeto. Devido ao fato de, por exemplo, um pedaço de madeira começar

> a ter o papel de boneca, um cabo de vassoura tornar-se um cavalo, a ideia separa-se do objeto; a ação, em conformidade com as regras, começa a determinar-se pelas ideias e não pelo próprio objeto (VIGOTSKI, 2008, p. 30).

No entanto, não é qualquer objeto que pode ser qualquer coisa, isto é, um palito de dente não poderá ser um cavalo; da mesma forma que seria se a criança utilizasse um cabo de vassoura; o objeto tem que permitir a ação que é representada.

Neste sentido, para Elkonin (2009) o jogo de papéis envolve características únicas e na representação de papéis sociais é o aspecto central da brincadeira. Os temas desse processo são os mais variados da vida humana, mas sempre refletem as situações de seu cotidiano. Para Vigotski (2008), a brincadeira permite que a criança alcance níveis superiores de pensamento, pois o comportamento daquele que brinca está além do habitual. Considerando tais questões, podemos afirmar que uma das características que define o brincar é a representação (VIGOTSKI, 2008).

Outra característica fundamental das brincadeiras são as regras, pois, na medida em que a criança amplia a sua compreensão dos modos de agir de seu grupo social, consegue melhor entender os papéis sociais, passa a ser capaz de entender as regras de modo mais amplo e, consequentemente, compreender as regras que determinam os objetivos da brincadeira, dando ao processo maior complexidade.

> Parece-nos que o verdadeiro curso evolutivo vai dos jogos dramáticos para os esportivos e não o inverso. Ao serem repetidas uma infinidade de vezes na atividade coletiva real, foram se destacando paulatinamente as regras das relações humanas que levavam com êxito. A sua reconstituição sem fins utilitários reais forma o conteúdo do jogo esportivo (ELKONIN, 2009, p. 19).

A brincadeira de regras acompanha a criança na fase inicial escolar e cumprir as regras é o seu desejo. Observa-se, no decorrer desse percurso, que o brincar é muito mais do que uma ação, é uma atividade complexa que, segundo Martins (2009), requer uma consideração pedagógica que vá além de uma visão reducionista da brincadeira. Esta é uma aprendizagem constante de relacionar-se, experimentar-se, imaginar-se, expressar-se e compreender-se para poder se confrontar e transformar-se para poder estabelecer-se como sujeito no mundo (FONTANA; CRUZ, 1997).

Os espaços das brincadeiras

Os espaços do brincar devem contemplar um ambiente de inter-relação entre os sujeitos, pois é por meio da interação que o ser humano modifica as situações de seu meio social. Muitos espaços em que acontecem as brincadeiras são classificados em públicos e privados: o primeiro é um local a que todos possuem acesso e o segundo é acessado de forma restrita por certas pessoas que são escolhidas pelos donos (MARTINS, LIMA; VIEIRA-DE-ARAUJO, 2020).

As crianças são historicamente tidas como sujeitos sem voz na sociedade, são tratadas como meros aprendizes, além de não lhes darem os seus "direitos", uma vez que a sociedade, segundo Dias e Ferreira (2015), as considera como sujeitos incapazes de participar das decisões coletivas, ou seja, exclui-se as crianças de processos civis, condicionando-as ao poder de um adulto.

A pesquisa de Kyttä (2004) fala que a falta dos espaços públicos causa alteração no processo formativo do sujeito, tendo alteração nos índices de atividades lúdicas vivenciadas, bem como o desenvolvimento social e cognitivo podem ser afetados por tal questão. Já quando as crianças possuem autonomia e espaços de brincadeira, o desenvolvimento ocorre de modo facilitado.

O espaço público pode ser um ambiente favorável para a aprendizagem, tendo em vista ser um lugar que proporciona maior interação social, no qual as crianças mais experientes se encontram com as menos experientes. As crianças mais velhas mediam as situações de brincadeiras com as mais novas, permitindo a ampliação do universo cultural infantil.

É perceptível que os espaços podem trazer grandes benefícios para a aprendizagem infantil. No caso do brincar no Cariri, objeto de estudo desta pesquisa, observa-se espaços diferenciados do brincar como exemplo: o quintal ou parte externa da casa, popularmente conhecido na região como o "terreiro[1]". O espaço do terreiro propõe às crianças diversas possibilidades de socialização e de aprendizagem.

[1] Definido pelo dicionário Porto (2021, s/p.): "espaço de terra, plano e amplo, numa povoação ou contíguo a uma casa; adro; largo; terraço. Espaço ao ar livre onde se realizam determinadas celebrações populares (festas, bailes, etc.)".

O Ceará, historicamente, era um território com alta taxa de fecundidade e crescimento populacional. As famílias locais tinham uma quantidade significativa de filhos, isso propiciava que os mais velhos ensinassem aos mais novos, proporcionando novas aprendizagens de brincadeira. Mesmo com o decréscimo da taxa de fecundidade no estado (IPECE, 2010), o terreiro continua sendo um espaço utilizado para o brincar.

O brincar nos espaços privados, como é o caso do terreiro, ocorre pelo fato das crianças estarem em um ambiente seguro e com a supervisão dos pais ou parentes. Neste sentido, por ser um espaço onde é possível a supervisão dos pais, o terreiro se torna um dos espaços de brincadeira entre irmãos, parentes e amigos. A possibilidade do interagir brincando propicia a experiência e autonomia, pois a mediação entre os colegas ou irmãos mais velhos proporciona a cultura lúdica (DIAS; FERREIRA, 2015).

Assim, a criação de espaço e tempo para brincar é fundamental para que a brincadeira aconteça. No caso do Cariri, o terreiro cria grande possibilidades de encontro entre crianças, mas há brincadeiras específicas em espaços públicos.

Vale destacar que o Estado brasileiro promoveu alguns avanços para garantir o direito ao brincar. O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art.15, inciso IV, estabelece que o direito à liberdade compreende, entre outros aspectos “brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990), sem definir os espaços lúdicos.

O Marco Regulatório da Primeira Infância, prevê, no seu Art. 5º, o brincar e o lazer, entre outras, como áreas prioritárias para as políticas públicas. Também estabelece, no Art. 17, que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem “organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades” (BRASIL, 2016).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) define as unidades escolares como ambientes específicos para o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Nestes espaços o brincar

deve ser visto como um direito. A Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BRASIL, 2017) também destaca o brincar como um dos seis direitos de aprendizagem. Na mesma linha, o Plano Nacional da Primeira Infância (BRASIL, 2020) estabelece o direito ao brincar que envolve ter brinquedos, espaço e tempo para brincar.

Por isso, os espaços públicos e privados têm fundamental relevância no processo de construção social de uma cultura e sua organização, da qual o brincar faz parte, o que traz diversas possibilidades de vivenciar as brincadeiras tradicionais, o que propicia que elas sejam modificadas pelo grupo de crianças que brincam, dando a elas diferentes formas de brincar e novos significados. Ainda mais, dá para a criança o acesso aos espaços do município, o que é um direito que não deveria ser negado.

A região do Cariri: berço de cultura popular

Este estudo delimitou-se a pesquisar as brincadeiras em um território da região sul do estado do Ceará chamado Cariri[2]. A localidade é conhecida pelo fato de ser um sítio paleontológico do Brasil, ponto cultural presente no estado. Segundo o Planejamento Participativo & Regionalizado (2019), este território abrange 28[3] municípios com uma população aproximada de 962.018 habitantes e área de 17.390,30 km^2. A economia dos municípios é fomentada pela agricultura e turismo (CEARÁ, 2019).

A região era chamada antigamente por *Kariris*, fazendo alusão aos primeiros habitantes da região, os índios Kariris "por isso quando foi colonizada, a área recebeu o nome de Cariri, em homenagem ao grupo originário" (DUARTE; DUARTE, 2023, p. 255).

[2] "No Nordeste brasileiro há duas regiões designadas por Cariri, a do sul cearense e a que fica ao centro do estado paraibano. Durante algum tempo foi comum a referência à região da Paraíba como "Cariris Velhos" e a do Ceará "Cariris Novos", como forma de diferenciar seus processos de ocupação, já que o Cariri cearense foi conhecido e colonizado após o paraibano." (SILVA, 2019, p. 12).

[3] Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri e Tarrafas (CEARÁ, 2019).

A pesquisa de Silva (2019) aponta que a região Sul do Ceará vem se destacando frente a outras regiões do estado, tanto por sua cultura como pela geografia, economia e política que expressam a cultura local.

> A interação de condições geográficas, econômicas, políticas, ambientais e socioculturais tornaram a região, ao longo das duas últimas centúrias, a segunda maior em termos de importância política e econômica para o estado, além de dotá-la de algumas características particulares em comparação às outras regiões cearenses. Sua posição geográfica em relação às capitais nordestinas, por exemplo, é um fator enaltecido em textos de história, economia regional, geografia, jornalísticos e até propagandísticos, pois teria contribuído para que o Cariri se tornasse um importante polo comercial. Característica que lhe gerou o título de "Coração do Nordeste" (SILVA, 2019, p. 12).

Este destaque apresentado por Silva (2019) está relacionado às questões políticas, econômicas e históricas, mas também aos aspectos culturais, tendo em vista que o Cariri, por ser um ambiente belo, acaba conquistando um grande público. Este entra em contato com a cultura local e se fascina com tamanha pluralidade de cantigas, cordéis, brincadeiras, entre outros fatores que são expressos na cultura dessa região.

No Cariri também se destaca a Chapada do Araripe, tida como um tesouro pelo potencial ecológico da localidade. A floresta nacional é plena de riquezas e é administrada pelo ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Muitas brincadeiras, cantigas e histórias míticas foram inspiradas sob a sua contemplação (SOUZA, 2017).

A cultura popular é tida como a produção de um grupo, não associada à cultura erudita, ou seja, produzida a partir das relações sociais, da apropriação do que é vivenciado e consequente produção de significados, os quais dão identidade ao grupo cultural (SOUZA, 2017).

No caso do Cariri, é possível perceber situações que evidenciam a construção da identidade como é o caso citado por Marques (2004, p. 54) quando descreve as tradições da região como sendo "algo particular, inalienável a qualquer outra cultura". Algumas produções identificam a cultura da região, tais como a literatura representada por Patativa do Assaré, as artes plásticas representada por Edelson Diniz e as brincadeiras que são frutos da tradição do povo local.

Segundo Souza (2017), a região deve ser entendida como uma construção cultural humana, que advém das relações sociais das diversas camadas sociais; é uma região que construiu sua identidade com espaços e proporções próprias e personalizadas que constituem aquele grupo social. Anjos (2005) argumenta que as:

> [...] identidades culturais não são construções atemporais dotadas de um núcleo imutável de crenças e valores que singularizariam, desde e para sempre, um local entre outros quaisquer; são, antes, [...] resultado de expressão humana (discursiva e performativa) por meio dos quais são estabelecidas e continuamente reelaboradas diferenças entre grupos diversos. E a despeito de desigualdades materiais e estruturas de exploração que existam no interior de cada um desses grupos, os seus membros, ainda que não se conheçam todos uns aos outros, se imaginam, por meio desse legado simbólico partilhado, como fazendo parte de comunidades horizontais e unas (ANJOS, 2005, p. 12).

Os aspectos definidos por Silva (2019) focalizam a identidade como algo que foi apropriado por uma determinada sociedade, assim como descreve a perspectiva histórico-cultural. Essas concepções trazem a compreensão de que a atuação social do sujeito e a sua interação com os demais constituem uma determinada cultura.

Por isso, as identidades culturais, como é o caso das brincadeiras, foram construídas em uma relação histórica e social, tendo por base a cultura local, já que essas ações lúdicas são cobertas de significados próprios da região, o que demanda uma proporção cultural de todo o território do Cariri.

As brincadeiras do Cariri

Para o desenvolvimento do trabalho adotou-se o inventário de brincadeiras feito por Nunes (2018), pois foi o único trabalho encontrado que tratou, efetivamente, das brincadeiras do Cariri.

Muitas das brincadeiras locais do Cariri são decorrentes de sua cultura e retratam aspectos sociais da localidade, como exemplo: as cantigas de ninar que em seus versos apresentam palavras típicas da região como “engomar”, “angu” e “rabicó”. Esses versos apontam justamente para o que foi apresentado anteriormente, ou seja, que os aspectos culturais contribuem para a edificação do lúdico num determinado grupo social (MARTINS, 2009).

A perspectiva histórico-cultural apresenta que a ação da brincadeira não é natural da criança, mas sim um resultado cultural, em conformidade com Góes

(2000), ao dizer que, na brincadeira, a criança se apropria dos papéis sociais internalizando os modos de ação de sua sociedade.

Nas brincadeiras do Cariri, alguns dos brinquedos são feitos com elementos da natureza, por exemplo, com na brincadeira do Xibiu, conhecida em outras localidades da região como Cinco Marias ou Bigurrilho. Para jogar é preciso que a pessoa jogue com cinco sementes de macaúbas, popularmente conhecidas como bilros[4], que na região rural são ingeridas pelas vacas que depois de defecarem ficam secas, basta que a criança as pegue e alise numa pedra, que ficam prontas para a brincadeira. É preciso lançar para o alto de forma sincrônica e, com habilidade, pegar a macaúba. A Figura 1 ilustra o modo de brincar.

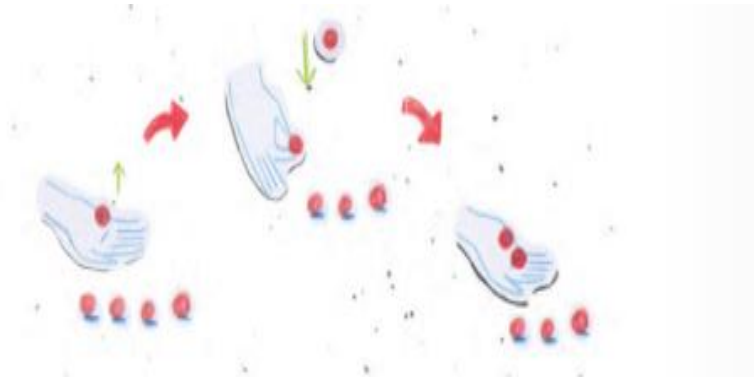


Figura 1 - Jogo de Xibiu
Fonte: Nunes (2018, p. 129).

Percebe-se que essa brincadeira se desenvolveu no meio rural, pois as crianças aproveitavam elementos presentes no caminho da roça, de suas casas ou escolas, para "fabricar" o brinquedo e vivenciar as brincadeiras, o que foi passado de geração em geração, ou seja, do mais experiente para o menos experiente. Isso se se fundamenta na teoria histórico-cultural, quando apresenta que a brincadeira acontece e requer a mediação de outros para ser aprendida (MARTINS, 2009). Observa-se uma conexão entre o brincar e a natureza utilizando-se de recursos

[4] Segundo o Dicionário Aulete (2021, s/p), é uma espécie de palmeira (*Acrocomia aculeata*) também conhecida como *macaíba, bocaiuva* e *coco-de-catarro*: "A cafua - taipa e colmo, picumã e pau-a-pique - estava lá, bem na linha de queda da macaúba." (Guimarães Rosa, *"São Marcos", in Sagarana.*)

regionais que são elementos essenciais para o desenvolvimento infantil (PEREIRA, 2002).

Dentre muitas outras brincadeiras presentes no Cariri, percebe-se nos estudos de Nunes (2018) a presença da cultura local e a sua influência nas brincadeiras regionais, no brinquedo, no dançar e cantar, elementos fundamentais da cultura cearense. Tal condição pode ser observada no Quadro 1 que apresenta a categorização proposta por Nunes (2009).

Categorização	Nome da brincadeira ou cantiga
Brincadeira de bebês	Carneirinho / Besourinho
Cantigas de Ninar	Dorme Neném / Mãezinha Do Céu
Cantigas de Roda	Espelho/ Lavanderia / Caranguejo / Oh / Maria / Os Cabelos De Marias / Viuvinha / Toré
Trancelim	Pisadinha / Salada, Saladinha / Dentro, Fora
Corda	Salada, Saladinha / O Homem Bateu Em Minha Porta / Números / Com Quantos Anos
Amarelinha	Amarelinha
Brincadeira de Palmas	Batom / Aranha / Tricilomelo
Brincadeiras de rua	Chicote Queimado / Arara Pé No Chão / Polícia E Ladrão / 7 Cacos / Melancia / Esconde-Esconde / Pega-Pega / Pega-Gelo / Corrida De Tampa / Carrinho / Bola / Bicicleta / Pião / Balançador / Pipa / Pipa De Sacolinha / Capuche / Bila / Buras / Xibiu, Cinco Marias ou Bigurrilho / Imaginação / Cidade De Formiga / Boneca / Casinha / Comidinha / Lapinha Viva

Quadro 1 - Categorização das brincadeiras do Cariri

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Nunes (2018).

Considerando o levantamento feito por Nunes (2018), passa-se a discutir as brincadeiras a partir dos pressupostos teóricos da abordagem histórico-cultural.

As brincadeiras dividem-se em: brincadeira de bebês, cantigas de ninar, cantigas de roda, trancelim, corda, amarelinha, brincadeira de palmas e brincadeiras de rua, todas vivenciadas e recriadas pelas crianças do Cariri. As brincadeiras e muitas cantigas também estão presentes em outras regiões, porém alguns fatores as diferenciam no Cariri, como por exemplo, os termos empregados e os modos próprios aprendidos pelas crianças de realizarem a brincadeira.

Para Nunes (2018), as brincadeiras de bebês têm como propósito a estimulação visual e afetiva das crianças, buscando arrancar delas um sorriso ou gargalhada. Facci (2004), apoiando-se nos estudos de Elkonin (2012), identifica que

no período de vida dos bebês ocorrem as primeiras interações com os adultos que delas cuidam, o que determina os primeiros sentimentos de empatia. No processo de interação que se estabelece com o bebê, a contradição máxima entre a necessidade de comunicar os seus estados para o adulto e haver uma comunicação sem palavras resulta na comunicação emocional, que é a atividade dominante neste período de vida.

Desta forma, as brincadeiras, como "Carneirinho", são desenvolvidas com uma criança pequena. Quando a criança é recém-nascida, a pessoa segura seu corpo bem firme e a levanta na altura de seu rosto, balançando a criança e recitando a seguinte estrofe: "Carneirinho, carneirinho, carneirinho, béééééé!". Quando chega no "béé", as testas do bebê e da pessoa devem se chocar. Já a brincadeira do "Besourinho" deve ser realizada com a criança deitada e a pessoa deve dizer "Cadê o besourinho?" e fazer diversos sons com a boca olhando para a criança. Elkonin (2012) relaciona a comunicação emocional como sendo a característica dominante da criança nesta fase, pois ela ainda não adquiriu a linguagem, sendo fundamental a interação por meio das emoções que são compartilhadas pelo adulto com a criança no ato do brincar.

Já as cantigas de ninar podem ser realizadas nos mais diferentes períodos, porém Nunes (2018) apresenta ser mais utilizadas para fazer os pequenos dormirem. As cantigas trazem às crianças o conforto da voz de alguém que ela tem afeição e determina uma rotina que lhe avisa que é hora de dormir, uma forma de comunicação que permite a ela a apropriação da linguagem expressa na música. Vistas assim, as cantigas compõem as formas iniciais de comunicação entre os sujeitos.

A cantiga "Dorme neném" chama a atenção por estarem presentes fatores sociais como o trabalho que a mãe, pai ou responsável, deve realizar assim que a criança dormir.

> Dorme neném, que eu tenho o que fazer, lavar, engomar camisinha para você. Aaaa neném quer angu. Aaaa neném quer apanhar. Dorme neném que papai vai "vier", ou que eu tenho o que fazer. Mamãe dá maminha, papai com cipó, no santinho, Rabicó (NUNES, 2018, p. 24).

Esta cantiga está relacionada aos fatores sociais apresentados às crianças mesmo que sejam pequenas. A expressividade do conforto é trazida na canção, mas a dureza das palavras chama a atenção de quem as compreendem. Esta cantiga de ninar tem outras versões mais curtas que apresentam apenas as duas primeiras linhas da citação acima, mas também expressam as palavras duras de que a criança seria um fardo para mãe, pois ela precisa que a criança durma para poder trabalhar. A cantiga expressa a realidade das pessoas locais que necessitam cuidar dos filhos e dos afazeres de casa.

Outra cantiga que é expressa por Nunes (2018) é “Mãezinha do céu”. De tonalidade doce, a cantiga expressa as crenças religiosas que são predominantes na localidade.

> Mãezinha do céu, eu não sei rezar; eu só sei dizer: "Quero te amar" Azul é teu manto, branco é teu véu Mãezinha, eu quero te ver lá no céu. Quando eu morrer eu quero ficar, pertinho de você. Azul é teu manto branco é teu véu. Eu quero ser tua mãezinha no céu (NUNES, 2018, p.28).

As relações de afetividade apresentadas por Elkonin (2012) são expressas nessa canção, pois aquele que a entoa o faz com emoção e afeição, proporcionando à criança interação com o adulto que, por vezes, tem resposta recíproca por parte da criança.

Já as cantigas de roda são utilizadas com crianças maiores, que conseguem ficar em pé e têm alguma capacidade de locomoção. Tais cantigas trazem a representação de elementos da cultura popular, de papéis sociais e modos de agir de determinado grupo. Brincar de roda é fundamental ao desenvolvimento das crianças, pois permite a representação de pequenas ações domésticas e sociais, o que propicia que a criança internalize os significados que elas expressam e as ressignifiquem, apreendendo os modos sociais pelas brincadeiras. Brincar de roda propicia fazer de conta que se é algo ou alguém, em movimentos que expressam tal condição, propiciando que as crianças se comportem em nível superior de pensamento e ação (VIGOTSKI, 2012).

A canção descrita por Nunes (2018, p.42) apresenta relação com os jogos de papéis, em que as crianças se comportam como outras pessoas, encenando na realidade aquilo que é fantasiado na canção. “Os cabelos de Maria é loiro e é

cacheado. Quando ela coloca o pente, abala toda cidade. No meio de tantas flores, não sei qual escolherei, aquela que for mais bela, com ela me abraçarei".

O "Trancelim", como é chamado no Cariri, é mais conhecido em outras localidades como brincadeira com o elástico (NUNES, 2018). A brincadeira requer que a criança siga uma sequência pré-determinada de modos de pular o Trancelim e, ao alcançar êxito, faz a passagem para uma nova fase que é determinada pela maior altura do elástico, o que aumenta a dificuldade em saltar. Por ser um jogo de regras, requer que a criança tenha a compreensão do que elas determinam, ou seja, a sequência de saltos realizado sem faltas e a não infração em qualquer salto, a qual é punida com o retorno ao início da etapa.

Tais características também se apresentam em relação às brincadeiras de corda, que são realizadas pelas crianças maiores, por exigir maior qualidade no movimento de saltar, e ainda, quando acompanhada por músicas, requer o abaixar, levantar e realizar outros movimentos durante o salto.

Nunes (2018, p.79) apresenta uma das cantigas de pular corda que está relacionada ao processo de agilidade e movimentos feitos com precisão, pois aquele que errar irá para o fim da fila, sendo assim, a criança irá fazer de tudo para não errar. "Um homem bateu em minha porta, e eu abri. Senhoras e senhores põe a mão no chão. Senhoras e senhores pule de um pé só. Senhoras e Senhores, dê uma viradinha. E vá pro olho da rua!".

As regras das brincadeiras de corda, além daquelas de conhecimento popular e que já estão estabelecidas, podem ser recriadas pelas crianças, a partir de adaptações das existentes ou da criação de novo modo de jogar (NUNES, 2018). Esse processo requer a apropriação cultural da brincadeira, para depois trazer a ela novos significados (ELKONIN, 2009).

O mesmo acontece com a brincadeira da amarelinha, brincadeira que envolve a participação de muitas crianças, de diferentes idades. É uma brincadeira própria às crianças do fim da etapa pré-escolar e anos iniciais do ensino fundamental, pois exige a compreensão das regras. Todavia, não quer dizer que as crianças menores não possam brincar com regras simplificadas e, também, que pessoas de idades maiores não se encantem por ela. Elkonin (2009) argumenta que há um processo de

transição do jogo de faz de conta para os jogos de regras, na medida em que os primeiros passam a ter representações de papéis mais sofisticados, ou seja, quando as crianças entendem as "regras do jogo", as normativas sociais de modo mais amplo.

É uma brincadeira que, frequentemente, tem as regras constituídas de acordo com a localidade em que é realizada. Esse processo é decorrente da apropriação das regras e do entendimento de como a brincadeira funciona, que num processo de interação social são recriadas e combinadas pelo grupo (MARTINS, 2009).

Mas há um significado bastante interessante que se apresenta no processo da brincadeira, que engloba o sentido da passagem da vida, ou seja, "do inferno ao céu", muito própria das formas de se conceber tal processo na sociedade.

A brincadeira de palmas é geralmente feita pelas meninas, porém os meninos também participam dessa brincadeira (NUNES, 2018). A autora não se aprofunda nas questões de gênero, mas dentro do campo de estudos sobre gênero, a autora Louro (2012) diz que a sociedade apresenta para as meninas brincadeiras e brinquedos relacionados ao cuidado e à afetividade, reafirmando a doçura feminina e os atributos considerados inatos. Somente quando os movimentos são feitos em conjunto e ritmados é que o brincar tem êxito. "Batom, batom. Tira o bá e deixa o tom. É masculino, é feminino, quem bater palma beija o menino" (NUNES, 2018, p. 86).

Vigotski (2008), ao relatar a brincadeira como forma de satisfazer as tensões entre o que a criança deseja e o que pode fazer evidencia que estes sujeitos buscam nas brincadeiras formas de representar a realidade. No caso das músicas cantadas no bater das palmas retratam a realidade de suas vidas, o que se relaciona com a canção descrita acima, quando diz que a menina passa o batom e, se bater palmas, consegue beijar o menino; isso reforça os estereótipos e a função da mulher em uma sociedade machista.

Por último, as brincadeiras de rua são vivenciadas, segundo Nunes (2018), quando o sol já está com baixa intensidade, ou seja, ao final da tarde. O espaço da rua é promissor para a transmissão cultural de brincadeiras, pois permite uma maior participação de crianças e, também, que adultos ensinem novas brincadeiras,

sendo essencial para a interação entre os participantes. Tais brincadeiras têm forte traço das vivências culturais e sociais do grupo no qual acontecem e são realizadas tanto em espaços públicos, as ruas ou as praças, como em privados, os terreiros.

A brincadeira coletiva é, segundo Martins (2009), fundamental ao desenvolvimento das crianças, tendo em vista que traz possibilidades de interação entre pares, construção de regras, auto-organização e arranjos pelo coletivo de crianças, resolução de conflitos surgidos, o que permite novas aprendizagens e as brincadeiras tradicionais do Cariri trazem tais características. A criança, ao interagir com o outro brincando, se constitui como um membro da comunidade cultural da região.

Por meio da interação com o outro, o sujeito se constitui e se apropria dos aspectos culturais da sociedade e, considerando a perspectiva histórico-cultural, pode-se afirmar que nesse processo as crianças se apropriam das brincadeiras, cantigas e folguedos de determinado grupo social (VIGOTSKI, 2012).

Assim, as brincadeiras não podem ser consideradas como um fator inerente às crianças, não é biológico, mas sim cultural e para serem aprendidas requerem a participação do outro, os pares, ou alguém mais experiente. Além disso, precisam de espaço, tempo e condições gerais para que aconteçam.

Neste contexto, as condições espaciais para o seu desenvolvimento aparecem no inventário das brincadeiras, com exceção das de bebês e as cantigas de ninar que, em geral, acontecem no interior das casas e dependem das ações de adultos. Os outros tipos de brincadeiras acontecem nas ruas, praças ou nos terreiros.

Outra característica que se apresenta nas brincadeiras do Cariri é apropriação dos modos de agir do grupo social com seus aspectos culturais, o que aparece nas cantigas de ninar “Dorme Neném”, na qual se apresentam os indícios dos estereótipos de papéis da mulher e do homem, como em “Mãezinha do Céu” em que se manifestam as crenças religiosa.

Do mesmo modo encontramos as características próprias da região nas brincadeiras de roda e de palmas, as quais expressam modos de constituição do grupo e suas concepções.

Para Pino (2005) nos humanizamos pela relação com os outros, por ela nos constituímos, aprendemos e estabelecemos os significados de nosso agir em sociedade, e isso se dá na infância pela atividade principal da criança que é a brincadeira.

Percebeu-se que nas brincadeiras das crianças menores, em que o processo de representação é explícito, as características próprias do grupo social se manifestam de modo claro, trazendo os modos de agir do Cariri cearense.

Por outro lado, o Trancelim (elástico), as brincadeiras de Corda e de Rua, que se estabelecem como jogos de regras, apresentam características mais gerais, ou seja, são brincadas do mesmo modo que em outros lugares, não apresentando de modo explícito formas próprias do Cariri. Tal achado nos dá indícios que o fato de possuírem regras explícitas facilita o processo de transmissão da brincadeira de um lugar a outro.

As análises empreendidas neste trabalho, possibilitam observar como as crianças do Cariri constituem os seus modos de brincar. Observa-se que elas se apropriam de formas culturais que são marcantes na região e, também, de modos mais gerais de brincar, sendo que tais processos são ressignificados no processo de transmissão cultural.

Considerações Finais

Partindo do objetivo da pesquisa, que foi o de apresentar e analisar as brincadeiras da região do Cariri cearense por meio da teoria histórico-cultural, pretendeu-se levantar mais um debate sobre a importância do lúdico dentro do processo de constituição cultural de um grupo social, todavia de um grupo específico e pouco investigado neste contexto. Concebeu-se na teoria histórico-cultural que a brincadeira não é um ato biológico, mas um aspecto cultural, ou seja, parte de um contexto social que é internalizado pela criança e ressignificado na ação da brincadeira. A criança, por meio do brincar, se apropria do contexto cultural em que está inserida.

As brincadeiras do Cariri se relacionam com a cultura local, pois os aspectos sociais do Cariri estão presentes de modo explícito nas Brincadeiras de Bebês,

Cantigas de Ninar, de Roda e nas Brincadeiras de Palmas. Já no Trancelim, na Corda, na Amarelinha e nas Brincadeiras de Rua os modos de brincar trazem características mais gerais.

A perspectiva histórico-cultural entende o ser humano e suas ações como processos culturais e históricos. Assim, ao longo do tempo, a cultura de brincadeiras no Cariri foram moldadas por meio das relações sociais estabelecidas na localidade que, de certa forma, é apreendida pelas crianças. Observa-se serem ações que refletem a realidade cultural local, que são expressivas do ponto de vista científico, pois permitem a percepção da formação da cultura que é ressignificada pelas gerações.

Os lugares do brincar no Cariri são dois: o público, como a rua, a praça e a escola, e o lugar privado, como o terreiro. Esses ambientes propiciam a brincadeira interativa que fazem, segundo Vigotski (2008), com que o sujeito se constitua e faça parte de seu grupo social por meio dessa apreensão dos atributos culturais.

No marco regulatório brasileiro há leis e outras normativas que garantem o direito ao brincar na perspectiva educacional, de lazer e em outras áreas. Entretanto, há desafios para a materialização desse direito e sua implementação, em todos os contextos, seja escolar, familiar e na sociedade.

A brincadeira de rua e os outros tipos de brincar devem ser tratados como pertinentes e um direito da criança, pois a aprendizagem tida com a pessoa mais experiente propicia a apropriação cultural do brincar. Políticas públicas devem ser criadas e implementadas para estimular o brincar em todos os espaços públicos e privados.

Ressaltamos que o processo de brincar não ocorre somente na escola, uma vez que ela não é capaz de sustentar a todo tempo a brincadeira, por isso é expressivo dizer que cabe à comunidade e ao Estado propiciar espaços para a vivência lúdica com respeito à diversidade e à compreensão dos aspectos sociais e culturais (MARTINS, 2009).

Este trabalho não pretendeu responder a todas as questões, mas apresenta que a brincadeira no Cariri é um patrimônio cultural local e que é reconhecido pela comunidade que a expressa em sua cultura. Essas brincadeiras são transmitidas de

geração em geração pelos mais experientes que ensinam as crianças suas diversas formas de brincar.

Considera-se que as brincadeiras são um importante meio de transmissão cultural e tal aspecto não é distinto nas brincadeiras do Cariri, tendo em vista que elas são permeadas de relações que contribuem de forma efetiva na apropriação pelo sujeito da cultura local.

Referências

ANJOS, Moacir dos. **Local/global**: arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

DICIONÁRIO AULETE. Macaúba. Editora Aulete. 2021. Disponível em: https://web.archive.org/web/20140312044430/http://aulete.uol.com.br/maca%C3%BAba. Acesso em: 17 nov. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. Lei nº 9394/1996, Brasilia, 1996.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial da União**. 2016.

BRASIL. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Plano Nacional Primeira Infância**: 2010 - 2022 | 2020 - 2030 / Rede Nacional Primeira Infância (RNPI); ANDI Comunicação e Direitos. - 2ª ed. (revista e atualizada). - Brasília, DF: RNPI/ANDI, 2020.

CEARÁ. **PPA. Participativo** (2019). Secretaria de planejamento sustentável. Caderno Regional do Cariri. 2019. Disponível em: https://www.seplag.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/14/2019/11/Caderno-Cariri.pdff. Acesso em: 16 nov. 2021.

CEARÁ. Secretaria de Indústria e Comércio. **Manifestações do Folclore Cearense**. Fortaleza, Trabalho Elaborado pelo Departamento de Artesanato e Turismo e empresa cearense de Turismo. 1978. Disponível em: http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimonio/DancasTradicionais/ManeiroPau/Maneiro_Pau-LMFC.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

DIAS, Marina Simone.; FERREIRA, Bruna Ramos. Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.I], v.17 n.3, p. 118-133, dez. 2015. Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5150/4703. Acesso em: 19 nov. 2021.

DUARTE, Rodrigo Gonçalves; DUARTE. Leonardo Felipe Gonçalves. Tradição e oralidade: os contos populares como marca da identidade do Cariri/CE. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 23, 2023.

ELKONIN, Daniil. **Psicologia do Jogo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 447 p. Tradução de Álvaro Cabral. 2009.

ELKONIN, Daniil. Enfrentando o problema dos estágios no desenvolvimento mental das crianças. **Educar em Revista**, n.43, pp. 149-172. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000100011. Acesso em: 20 nov. 2021,

FACCI, Marilda. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, v.24 n.62, p. 64-81, abril. 2004. Disponível:https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3Nc5fBqVp6SXzD396YVbMgQ/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

FONTANA, Roseli.; Cruz, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 232 p. 1997.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. 7ª ed. São Paulo: Atlas. 2021.

GÓES, Maria Cecilia. A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação e Sociedade**. Campinas, v.21, n.71, p. 116-131. 2000.

IPECE. **Demografia***:* Crescimento e Fecundidade. 2010. Disponível em: http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo2/23.htm. Acesso em: 20 nov. 2021.

KYTTÄ, Marketta. The extent of children's independent mobility and the number of actualized affordances as criteria for child-friendly environments. **Journal of Environmental Psychology**, v.24, n.2, p. 179-198. 2004; Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494403000732. Acesso em: 20 nov. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE. M. D.; PINSK. B. C. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 441-481, 2012.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade**: (re)inventando o sertão nordestino na década de 70. São Paulo: Annablume. 2004.

MARTINS, Diego.; LIMA, Verônica.; VIEIRA, Natália de Araujo. Liberdades urbanas: infâncias, brincadeiras e o contexto público de uma cidade do interior cearense. Brasília. Anais do VI encontro da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em arquitetura e urbanismo. **Anais...** 2020. Disponível em: http://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/21886.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.

MARTINS, Ida Carneiro. **As relações do professor de educação infantil com a brincadeira**: do brincar na rua ao brincar na escola. 169f. Tese (Doutorado em Educação)

– Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, 2009.

MELLO, Suely. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva***:* Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v.25, n.1, jan.-jun, p. 83-104, 2007.

MINAYO, Maria Cecilia. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.3, mar. 2012, p. 621-626.

NUNES, Leticia Graciano. **Quintais do Cariri**: pequeno registro do brincar. Fortaleza, Aliás Editora. 1ª ed., 152 p. E-book. 2018. Disponível em: https://pt.calameo.com/read/005649677c5a418c66def. Acesso em: 17 nov. 2021.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho. Derrubaram os últimos jardins para construir prédios. **Linhas críticas**, Brasília, v.8, n.14, jun., p. 49-58, 2002.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez. 2005.

PORTO EDITORA. Terreiro no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora. 2021. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/terreiro. Acesso em: 20 dez 2021.

SMOLKA, Ana Luiza. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação e Sociedade.** jul, v.21, n.71, p.166-193. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/KVJmjgPbDQt56Jz3XXK9BRF/abstract/?lang=pt.

SILVA, Jane. **Um "Oásis" Chamado Cariri**: Instituto Cultural do Cariri, Natureza, Paisagem e Construção Identitária do Sul Cearense (1950-1970) Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 267 p. 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/200611. Acesso em: 19 nov. 2021.

SOUZA, Otília. **O Cariri e os processos de valorização da sua cultura popular**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. 176 p. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LOMCBBYGER/1/o_cariri_e_os_processos_de_valoriza__o_de_sua_cultura_popular_1.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

TEIXEIRA, Sirlândia. Reflexões sobre a infância, os jogos e as brincadeiras na História. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S.I.], v.18, n.54, p. 244-263, 2021.

VIGOTSKI, Lev. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. Tradução: Zoia Prestes. 2008. Disponível em: https://isabeladominici.files.wordpress.com/2014/07/revista-educ-infant-indic-zoia.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

WAJSKOP, Gisela. O brincar na educação infantil. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 92, p. 62-69, fev. 1995.

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi financiado pelo Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (Prosup) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- (Capes), a quem agradecemos o apoio. Este artigo faz parte dos estudos do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Aprendizagem, Desenvolvimento e Inclusão na Educação Básica – GEPADIEB, chancelado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Revisores de línguas e ABNT/APA*: Iara Sanches Rosa*

Submetido em 26/05/2022 **Aprovado em 21/07/2023**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)